

## 4

### Metodologia e dados de pesquisa

A análise da construção de identidade que ora será realizada neste trabalho é orientada pela prática da pesquisa qualitativa na perspectiva dos estudos sócio-culturais e interacionais. A pesquisa qualitativa considera que a construção de significados é desenvolvida lingüisticamente como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia (Denzin e Lincoln, 2006; Gumperz, 1982). Considerando que a entrevista é um meio pelo qual os participantes compartilham seus significados, se constroem e constroem o “outro” como indivíduos atuantes no mundo, duas entrevistas foram realizadas para o estudo das construções de identidade de um migrante nordestino.

Para a análise das construções identitárias do meu entrevistado será considerada a interação desenvolvida durante as entrevistas e as transformações identitárias produzidas a partir dos enquadres e alinhamentos dos participantes (Goffman ([1979] 2002; Deborah Tannen e Cynthia Wallat ([1987] 2002), observando-se os aspectos intrinsicamente lingüísticos e paralingüísticos da interação (Gumperz, 1982; Schiffrin, 1996; Linde, 1993).

A prática da pesquisa tem sido transformada por uma crescente preocupação com o “outro”, encontrando novas perspectivas interpretativas, desenvolvidas em estudos que descrevem variados momentos e significados que fazem parte do dia a dia na vida dos indivíduos. Assim, ao desenvolver uma grande variedade de práticas interpretativas interligadas, que refletem diferentes visões do mundo, experiências, crenças e abordagens, o pesquisador passa a ser considerado um *bricoleur* (Denzin e Lincoln, 2006). Essa denominação está associada ao nome francês que representa alguém que confecciona colchas, ou, para a Antropologia Lingüística, aquele que reúne diferentes estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance.

“O *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário.” (Denzin e Lincoln, 2006).

À medida que uma infinita variedade de formas e substâncias se combinam, o autor lança mão de vários pontos de vista para suas interpretações, surgindo diferentes significados. Como acontece no processo de cristalização, no qual cristais formados por vários prismas, que se refratam em si mesmos e criam diferentes cores e se lançam em várias direções, o pesquisador lança mão de uma infinidade de recursos lingüístico-interpretativos, que se manifestam em contextos sócio-culturais variados, tornando sua pesquisa mais rica no entendimento de significados.

Entendo que a metodologia de pesquisa qualitativa, utilizada nesta investigação, encontra-se no processo de *bricolagem*, considerando que, à medida que analisava as entrevistas, descobria a riqueza lingüística que se contextualizava, se fazendo necessárias variadas perspectivas que ajudassem no entendimento do que pesquisava e dos dados novos que surgiam a todo momento.

A abordagem antropológica de Clifford Geertz (1999) é importante no que se refere à prática de pesquisa qualitativa. Geertz defende que é necessário que o pesquisador veja o mundo do ponto de vista dos “nativos”. É preciso deixar que as interpretações da pesquisa partam do pesquisado, à medida que ele entende e constrói seus significados. Seguindo essa abordagem, considero também mais uma perspectiva importante para a minha pesquisa os conceitos de “experiência próxima” e “experiência distante”, que Geertz desenvolveu a partir dos conceitos criados pelo psicanalista Heinz Kohut.

Geertz (1999: 87) interpretou “experiência próxima” como aquela que um informante expressaria naturalmente, sem esforço, a respeito do que seus semelhantes vêem, sentem, imaginam e que ele próprio entenderia facilmente em qualquer situação, mesmo se utilizada por outros. Enquanto “experiência distante” é aquela que especialistas, analistas, pesquisadores, etnógrafos, ou mesmo padres ou ideologistas usam para concretizar seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos.

Seria, no entanto, perigoso se o pesquisador se limitasse ao conceito de “experiência próxima” que poderia prendê-lo a seus próprios significados sócio-culturalmente construídos, de acordo com suas intenções. Geertz (1999) entende que para “ver as coisas do ponto de vista do nativo” se faz necessário estabelecer uma conexão entre o conceito de “experiência próxima” do informante e o

conceito de “experiência distante” criado pelos teóricos para organizar os elementos gerais da vida social.

Durante as duas entrevistas, o meu entrevistado lança mão de sua “experiência próxima” para fazer avaliações e para isso ele usa a língua como instrumento de conexão entre as idéias e o que elas representam. Observaremos que o migrante nordestino entrevistado usa conceitos de “experiência próxima” tão naturalmente que não percebe que o que disse envolve conceitos culturais que lhe são ensinados continuamente.

A escolha da abordagem metodológica em pesquisa qualitativa partiu do princípio de que a análise das entrevistas não pode se limitar ao que os participantes expõem. Os significados encontram-se articulados numa grande teia onde o que se diz, para quem se diz e o momento em que se diz fazem parte de uma rede sócio-cultural pelas quais as interpretações se desenvolvem em diferentes contextos sociais (cf. Geertz<sup>9</sup>, 1989: 18 *apud* Santos, 2007). O entrevistador e o entrevistado encontram-se localizados em seus próprios mundos sociais e a interpretação dos dados necessita de uma especial integração do entrevistador no espaço da pesquisa (Santos, 2007).

Na próxima seção, abordaremos a entrevista de pesquisa adotada para minha pesquisa.

#### 4.1

#### Entrevista de pesquisa qualitativa

Como vimos na seção anterior, a pesquisa qualitativa tem uma profunda preocupação com o “outro” visto como um negociador de significados. Um dos principais métodos de compartilhar entendimento é a entrevista, que constrói significados no processo de perguntas e respostas, considerando que todo indivíduo tem sempre alguma coisa significativa a responder quando é devidamente perguntado.

Geralmente, a idéia que se tem de entrevista é uma situação em que se encontra uma pessoa encarregada de fazer perguntas específicas e uma outra na

---

<sup>9</sup> GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Trad. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

condição de ser o conduto da resposta. Para Gubrium e Holstein (2003), a entrevista, comumente conhecida, tradicional, é um encontro entre pessoas formalizada quando se procura alguma informação específica. Segundo os autores, esse encontro raramente é considerado num mundo de íntimos relacionamentos. Perguntas e respostas são organizadas para fins de opinião ou informação. O papel do entrevistado é simplesmente oferecer informação sobre seu conhecimento de experiência. As respostas do entrevistado são meramente um meio de deixar a entrevista e o entrevistado ligados. Esta é a relação familiar assimétrica que reconhecemos como entrevista. O ponto da entrevista é extrair informação da maneira mais direta possível (Gubrium e Holstein, 2003).

No entanto, especificamente após a Segunda Guerra Mundial, a entrevista, segundo Gubrium e Holstein (2003), passou a acrescentar pensamentos e sentimentos dos indivíduos à simples opinião pública. É interessante o fato de que vivemos numa sociedade de entrevistas que fazem nossa vida ter sentido (Silverman, 1997<sup>10</sup> *apud* Gubrium e Holstein, 2003). Entrevistas de trabalho, entrevistas jornalísticas, entrevistas de opinião pública e até mesmo investigações sobre a vida social em geral exploram a entrevista como principal fonte de informação (Brigs, 1986<sup>11</sup>, *apud* Gubrium e Holstein, 2003). Com o desenvolvimento das tecnologias inclusive, ficou ainda muito mais fácil perguntar e responder, mesmo a longa distâncias.

Levando em consideração o jogo de perguntas e respostas, a nova era transforma entrevistas em conversas rotineiras, mesmo entre estranhos. Conversar sobre a vida das pessoas reveste-se de um novo processo de interação com a atuação de dois papéis centrais: o entrevistador e o entrevistado que compartilham visões e sentimentos significantes sobre a vida, num processo de entendimento construído sócio-culturalmente.

Já no fim do século XIX, William James<sup>12</sup> ([1892] 1961 *apud* Gubrium e Holstein, 2003) dizia que todo indivíduo possui um senso de *self* que ele pode controlar, mas que é formado socialmente e é interpessoalmente responsivo. Isto quer dizer que este *self* torna-se reflexivo sobre as experiências individuais

---

<sup>10</sup>SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data**. London: Sage, 1993.

<sup>11</sup> BRIGS, C. **Learning how to ask: a sociolinguistic appraisal of the role of the interviewer in social science research**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

<sup>12</sup> JAMES, William. **The stream of consciousness**. Psychology, Cleveland and New York, 1892. Cap. XI

quando o indivíduo interage socialmente ao conversar com outras pessoas (Gubrium e Holstein, 2003).

A moderna entrevista parece entrar em um processo de democratização que passa a ser muito mais do que um encontro social. “Uma boa entrevista é como uma boa conversa” (Rice e Douglas, 2001), em que o entrevistado é a pessoa que mais fala. Para Rice e Douglas, uma boa entrevista faz o entrevistado pensar sobre suas experiências quando o entrevistador torna-se ativamente envolvido, encorajando o entrevistado a conversar sobre o tema da pesquisa.

A entrevista como pesquisa qualitativa é ativa. O entrevistado não é mais um simples depósito de conhecimento, mas sim o construtor de conhecimento conjuntamente com o entrevistador (Gubrium e Holstein, 2003). A entrevista qualitativa ressalta a realidade socialmente construída em uma íntima relação entre o entrevistador e o entrevistado (Denzin e Lincoln, 2006), formando um quadro interpretativo de significados construídos e reconstruídos na interação (Rice e Douglas, 2001). A entrevista é vista como uma arte em aprendizado, uma “janela” para a experiência (Gubrium e Holstein, 2003), pois através de respostas, o entrevistador aprende com o entrevistado.

Podemos conhecer e entender a subjetividade individual e os contextos socialmente formados a partir da entrevista, quando em processo colaborativo entre o entrevistador e entrevistado. A entrevista passa a lidar com perguntas casuais elicitadas como em uma conversa, principais fontes de significados produzidos nas respostas casuais (Gubrium e Holstein, 2003).

O tema que se pretende alcançar na entrevista está depositado nas histórias e sentimentos conhecidos através do entrevistado, por isso, é preciso promover uma atmosfera de abertura na interação que propicie um processo contínuo de informações (Gubrium e Holstein, 2003). O entrevistador assume o papel de facilitador de expressão de idéias, crenças e sentimentos no momento da entrevista, fazendo com que, através de perguntas criativas, as pessoas sintam-se à vontade para compartilhar muito da vida delas.

Segundo Gubrium e Holstein (2003), o conhecimento e entendimento do que se propõe pesquisar é o produto de interação criativa em que o entrevistador sabe articular aspectos do tópico de pesquisa que encorajem o entrevistado a falar

de suas próprias experiências (De Vault<sup>13</sup>, 1990 *apud* Gubrium e Holstein, 2003). A entrevista de pesquisa emprega a narrativa como um tipo específico de comunicação cotidiana para alcançar conhecimento que ajude na interpretação de significados. O objetivo é encorajar e estimular o entrevistado a contar uma história sobre um acontecimento importante sobre sua vida e do contexto sócio-cultural em que está inserido (Jovchelovitch e Bauer, 2003)

O espaço social em que ocorre o processo interacional abre espaço para que o entrevistado escolha sobre o que ele quer falar (Pool<sup>14</sup>, 1957 *apud* Gubrium e Holstein, 2003), possibilitando respostas que colaborem para o entendimento dos significados que são construídos e reconstruídos ao longo da entrevista (Gubrium e Holstein, 2003). A entrevista de pesquisa envolve táticas de interação baseadas em sentimentos de amizade e intimidade que fazem as pessoas entenderem suas vidas como significativas (Douglas<sup>15</sup> 1985, *apud* Rice e Douglas, 2001) e concede a elas uma visão de novos ângulos de suas vidas.

Poderemos observar, no decorrer das entrevistas realizadas para essa pesquisa, que existe uma grande negociação sócio-cultural entre entrevistador e entrevistado. Essa negociação é expressa através dos enquadres e alinhamentos que tanto eu como o entrevistado usamos para dar significado aos eventos e ações expressos na língua (Mishler, 1986). Essa negociação faz parte das estratégias naturais de interação, que fazem uma entrevista adquirir algumas características de uma conversa agradável e informal.

Na próxima seção, apresento a contextualização dos dados.

## 4.2

### Contextualização dos dados

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas duas entrevistas, gravadas em áudio, com um migrante nordestino com o objetivo de investigar as construções de identidade desse migrante no Rio de Janeiro.

<sup>13</sup>DE VAULT, M. Talking and listening from women's standpoint: Feminist strategies for interviewing and analysis. **Social problems** 37: 96-117. 1990.

<sup>14</sup>POOL, I de S.. A critique of the twentieth anniversary issue. **Public opinion quarterly** 21: 190-98. 1957.

<sup>15</sup>DOUGLAS, J. D. **Creative interviewing**. Beverly Hills, CA: Sage. 1985.

Seu Francisco, natural da Paraíba, nascido em um lugarejo chamado Lagoa da Roça, mora no Rio de Janeiro há 28 anos em um bairro da zona norte, Riachuelo, onde também trabalha. Seu Francisco, que estava com 50 anos na ocasião das entrevistas, é porteiro de um prédio que fica perto de sua casa e tem trabalhado nesse mesmo prédio por 28 anos.

A primeira entrevista teve a duração de 10 minutos e foi realizada no apartamento de uma amiga que mora no prédio em que Seu Francisco trabalha, logo após a hora de sua saída, com a minha participação e a participação dele, somente na minha presença e na presença dele. O objetivo da entrevista era criar perguntas que suscitassem respostas relacionadas com a vida de S. Francisco aqui no Rio de Janeiro e na sua cidade natal, para averiguar as construções de identidade dele no processo de migração para o Rio de Janeiro.

A segunda entrevista teve a duração de 25 minutos e foi realizada após 6 meses da primeira, no playground do prédio em que Seu Francisco trabalha, logo após o seu horário de saída, mas com a presença de algumas pessoas que circulavam pelo local.

O objetivo da segunda entrevista foi levantar mais aspectos de sua história de vida que propiciassem pistas para o estudo e análise das construções de identidade de Seu Francisco como migrante. O meu ponto principal na segunda entrevista era averiguar a história de trabalho na construção de identidade de Seu Francisco, tanto em sua terra natal como no Rio de Janeiro, pois esse tinha sido o tema que mais se destacara na primeira entrevista.

Na segunda entrevista, parecia que Seu Francisco estava muito à vontade para responder as minhas perguntas, dentro de suas expectativas, e para contar detalhes de seus relacionamentos pessoais, como com a sua esposa. Seu Francisco até mesmo me interrompeu para falar de sua família, quando quis fazer um fechamento da entrevista. Diferentemente da primeira entrevista, na qual ele diz estar satisfeito aqui e não ter mais vontade de voltar, na segunda entrevista, ele insistiu bastante no desejo de voltar à sua terra.

Ao convidá-lo para a segunda entrevista, sugeri que poderia ir até a casa dele, se ele se sentisse mais à vontade. No entanto, ele colocou algumas dificuldades e fez questão que fôssemos para o play do prédio. O fato de ter feito a segunda entrevista somente com a presença e participação de Seu Francisco foi fator importante para que ele interagisse comigo mais espontaneamente. Na

presença de sua esposa, provavelmente, ele não teria me contado sua história a respeito do relacionamento dos dois, momento que parece ter sido de reflexão, avaliação e re-construção da situação que estava vivendo.

As experiências que formam nossa história de vida são necessárias para dar significado à nossa vida e nos manter atuantes no mundo. A maneira como S. Francisco se constrói, se alinha e enquadra sua história de vida, depende de como eu e ele interagimos durante a nossa conversa.

Os dados foram transcritos segundo os estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974; Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos Schifffrin (1987), Tannen (1989), Gago (2002). O quadro com as convenções de transcrição encontra-se em anexo.

Após a leitura dos dados em conjunto (pesquisadora, orientadora e co-orientadora), realizou-se uma comparação entre as duas entrevistas. As diferenciações percebidas do ponto de vista dos tópicos e do *self*, que foi construído mais emotivamente na primeira entrevista, orientaram a organização dos dados para análise.

Estarei utilizando meu próprio nome como entrevistadora, porém o nome do entrevistado, por motivos éticos, é fictício, tendo sido escolhido por ele próprio.

O próximo capítulo é dedicado à análise dos processos de construção de identidade de Seu Francisco, realizada para essa pesquisa.